

Prefeitos debatem mudanças climáticas no Guaíba Summit

Sustentabilidade, resiliência e inovação são pautas nos dois dias de evento

/ SUSTENTABILIDADE

Cássio Fonseca
cassiof@jcrs.com.br

A primeira edição do Guaíba Regeneration Summit começou, nesta quinta-feira, batendo na tecla da sustentabilidade e da resiliência de cidades que resistiram à enchente de 2024. A abertura do evento ficou a cargo do prefeito do município, Marcelo Maranata, que reforçou o combate à evasão dos gaúchos para outros estados. Ele também apontou para a capacidade da cidade de se reinventar e, com este encontro, reforçar os temas de investimentos em inovação e indústria.

Depois, acompanhado dos prefeitos de Porto Alegre, Sebastião Melo, e de Eldorado do Sul, Juliana Carvalho, Maranata compôs a mesa do painel “Cidades que se regeneram inspiram o mundo”, mediado pelo fundador e CEO da GovUp, Paulo Ardenghi.

O prefeito de Guaíba destacou que é preciso aproveitar o momento para olhar em frente e tirar o máximo de proveito da calamidade para se unir. Ele também afirmou que um dos focos da cidade, através de um empréstimo com um banco estrangeiro, é investir em turismo com reformas importantes, como na Orla.

Ele completou que, nos últimos dois anos, o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro que mais recebeu turistas estrangeiros. Neste caso, na grande maioria, argentinos e uruguaios.

Maranata também repetiu que essa capacidade de investimento é crucial para desenvolver Guaíba e, por consequência, manter os jovens na cidade e no Estado, evitando que eles rumem para outros lugares e representem uma



Painel destacou os desafios e avanços dos municípios pós-enchente

queda na produção. “Temos que pegar esse exemplo de resiliência para desenvolver nossa cidade e não perder mais nenhum jovem.”

Melo, na sequência, comentou que não há resiliência climática sem destinação de recursos. Ele criticou a COP em Belém pela falta de ações concretas e os últimos governos federais, estaduais e municipais por não pautarem o tema como prioritário nos últimos 30 anos.

Sobre sua terra, contou que “Porto Alegre teve 30% de seu território atingido, um rombo de bilhões de reais, mas vencemos o primeiro desafio, que era colocar a cidade em pé”. Reforçou, ainda, a importância das próximas obras, como a construção de um sistema de proteção de cheias na Zona Sul.

Melo tratou da consciência sobre o aquecimento global e a ciência de que novas catástrofes estão por vir. Sobre como mitigar o efeito dos gases estufa, entende que a “sociedade precisa jogar junto, sem jogar lixo na rua e sendo mais sustentável”.

Já Juliana Carvalho, que vive uma situação distinta, já que se elegeu após as cheias, vê evolução nesses quase dois anos desde

a tragédia. “Vamos cobrar muito dos governos. Precisamos de mais aportes para investirmos em obras e infraestrutura, já que nosso orçamento é enxuto.” Ao mesmo tempo, a prefeita destacou que é necessário reconstruir as escolas, e que isso vem sendo tratado como prioridade.

“O governo federal não pode nos cobrar para que a gente se reconstrua em três anos. Precisamos fazer a máquina pública se mover em diversas instâncias, e isso demora mais”, acrescentou. Ainda neste ano, citou a importância de empenhar os candidatos ao governo do Estado para que eles defendam que “tenhamos mais tempo e mais recurso para pagar essa conta”.

Sobre o futuro da Região Metropolitana, Maranata enfatizou a importância de votar os respectivos planos diretores de cada cidade e, de novo, suplicou pela permanência dos jovens no Estado para combater o desafio demográfico do envelhecimento da população. O Guaíba Regeneration Summit ocorre até esta sexta. A entrada é gratuita, mediante cadastro, no Largo José Cláudio Machado.

Outono deve ser de chuva dentro da média e temperaturas mais altas no RS

/ CLIMA

O último dia do verão já teve cara de outono. A quinta-feira foi de céu parcialmente nublado, alguns chuviscos e temperatura amena. A partir das 11h45min desta sexta-feira tem início o outono no hemisfério Sul. Conforme a MetSul Meteorologia, o começo da estação será marcado pela neutralidade do El Niño e La Niña, mas esse cenário tende a mudar.

As previsões apontam que o Rio Grande do Sul não deve sofrer com grandes períodos chuvosos durante a nova estação. “O outono deverá ter chuvas mais próximas da média em grande parte do Estado e temperaturas diminuindo ao longo dos meses”, explica o meteorologista Flávio Varone, coordenador do Sistema de Monitoramento e Alertas Agroclimáticos (Simgro) ligado à Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi), “

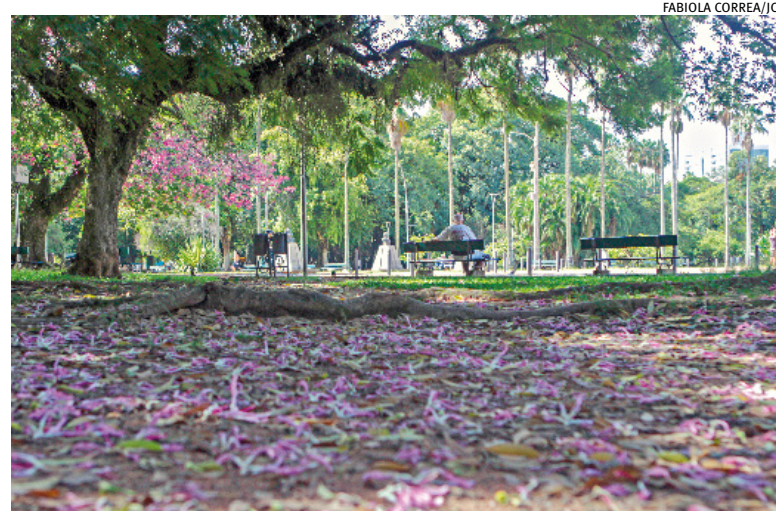
Ainda de acordo com a MetSul, mais para o fim da estação, no final de maio ou em junho, projeta-se a instalação do El Niño, fenômeno caracterizado pelo aquecimento anormal das águas do Oceano Pacífico equatorial. A MetSul aponta ainda que o outono terá predomínio de dias de temperatura acima da média “e alguns muitos até quentes para a época do ano no Centro-Sul do Brasil”. Ain-

da conforme a empresa, um outono frio é “extremamente improvável”. Não se descarta, porém, ocorrências pontuais de dias com temperatura mais baixa.

Conforme Varone, o mês de abril ainda tende a ter períodos mais secos, intercalados com algumas pancadas de chuva. Os índices ainda serão abaixo da média em algumas regiões, como na fronteira com o Uruguai, região da Campanha (municípios como Bagé e Hulha Negra), e Extremo Sul. Nas demais regiões, chuvas dentro da média.

A tendência é que em maio, segundo o meteorologista do Simgro, é de que entrem frentes frias mais organizadas no Estado, trazendo um maior volume de chuva. Na região da Campanha, a chuva será bastante expressiva, com volumes bem altos durante o mês. Nas regiões do Planalto e Vale do Uruguai, chuvas acima da média.

Já o mês de junho deverá ser de chuva dentro da média, com regiões registrando volumes ligeiramente acima da média como Santa Maria, Dom Pedrito, Erechim e na direção do litoral. Na Fronteira Oeste e Missões a chuva deve diminuir um pouco. Varone reforça que nos meses de maio e junho, deve ocorrer um declínio nas temperaturas. “As frentes frias vão trazer as chuvas e na retaguarda destes sistemas, vão ter massas de ar frio sobre o continente”, conclui.



Estado não deve sofrer com grandes períodos chuvosos na estação

Unicef alerta para prejuízos da falta de acesso à água nas escolas públicas

/ EDUCAÇÃO

O número de escolas públicas ativas sem acesso à água caiu pela metade de 2024 para 2025, segundo dados divulgados em fevereiro pelo Censo Escolar, mas ainda restaram 1.203 escolas em que cerca de 75 mil estudantes não têm a garantia desse direito.

As vésperas do Dia Mundial da Água, celebrado neste domingo, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) defende apoio institucional às localidades para superar esse problema, destacando os impactos à higiene, à saúde, à qualidade da merenda escolar, à dignidade menstrual e a outros pontos essenciais para um

bom aprendizado.

O Unicef ressalta que a situação é mais grave nas zonas rurais, onde estão localizadas 96% das escolas desabastecidas. De acordo com o oficial de Água, Saneamento e Higiene do fundo das Nações Unidas (ONU) no Brasil, Rodrigo Resende, esse é um déficit histórico que reflete os desafios para a

implementação de políticas públicas nos municípios, especialmente na Amazônia e no Semiárido.

Resende recomenda que, para resolver o problema, é preciso uma soma de esforços de entes federativos e instituições para apoiar os territórios, ampliando os investimentos e fortalecendo a capacitação de técnicos e lideranças locais.

Com o avanço no fornecimento de água no ano passado, mais de 100 mil estudantes passaram a acessar esse direito. Em 2024, 179 mil não tinham acesso à água em 2.512 escolas públicas, número que caiu para 75 mil no ano passado. O perfil dos que continuam sem acesso a esse direito mostra disparidades sociais e raciais.